



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**TALLES RAIONY DA CONCEIÇÃO VIANA**

**ESTERILIZAÇÃO EUGÊNICA:  
EUGENIA NEGATIVA EM RENATO KEHL E EUGENIA RACIAL  
EM MONTEIRO LOBATO - 1918 - 1927**

**BRASÍLIA**

**2021**

**TALLES RAIONY DA CONCEIÇÃO VIANA**

**ESTERILIZAÇÃO EUGÊNICA: EUGENIA NEGATIVA EM RENATO KEHL E  
EUGENIA RACIAL EM MONTEIRO LOBATO - 1918 - 1927**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr. Pietra Diwan

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria (HIS - UnB)

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Pietra Diwan (The Arts Institute - EUA)

Prof. Dr. Weber Lopes Góes

**BRASÍLIA**

**2021**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha companheira, Larissa da Silva Menezes, sem você esse trabalho não seria possível.

Minha mãe, Geliane Rosa da Conceição.

Meu pai, Lindomar Viana (in memoriam).

A meus irmãos, Lucas, Gabriel e Miguel.

Aos meus amigos e familiares que me ajudaram a entrar na Universidade de Brasília, Matheus Ribeiro, Douglas Firmino, Ezequiel Ruiz, Henrique Alves de Lima, Mário Leão, Isabela Leão, Samuel Fernandes, Bianka Cristiny (in memoriam), Lúcio Renan Vieira, Diell e Adriana.

Aos amigos que estudam a temática da Eugenia: Weber Lopes Góes por disponibilizar seu material particular, Bruna Santana de Sá Ferreira, pelas fontes primárias, Sabrina Cristina Queiroz Silva, Geandra Munareto pela documentação disponibilizada, Julieta Brites Figueiredo, Paula Habib, Rhaiane Leal, Wesley Ribeiro, Lucas Carvalho do Nascimento Nogueira.

Aos guerreiros: Antonio Gomes da Costa Neto e Humberto Adami.

Meus orientadores: Daniel Barbosa Andrade de Faria e Pietra Diwan.

## **DEDICATÓRIA**

A minha vovó, Geni Rosa da Conceição, grande exemplo de mulher negra e de resistência, (in memoriam).

Apelo à Palavra  
Naarie Valente

"O medo está na pele  
Evidente dentro de cada "se cale"  
Quem me julga, me xinga, me bate  
Esquece que estamos todos envolvidos  
Pela mesma carne".  
Derme, epiderme, e tudo pele  
Mas ainda sim nos tratam como vermes  
E se pudessem nos exterminariam  
Se pudessem...  
Fazem isso todo dia  
Mais frequente do que a gente percebe  
Pois as vezes fingimos não ver  
Mas se quem cala consente  
Morto calado pode um dia ser você  
Mesmo que não só em corpo  
Morremos todos os dias em alma  
Porque o povo negro sofre e morre  
No peito dói mais quando a gente se cala...

E, surpreendentemente, pela Sociedade de Eugenia de São Paulo. Surpreendentemente porque, para os eugenistas, a solução para os problemas dos Jecas Tatus estava no aperfeiçoamento da raça (às vezes pela esterilização) e não no combate às endemias. (Saturno nos Trópicos - A Melancolia Européia Chega ao Brasil).

**RESUMO:** Este estudo analisa a proposta eugênica do farmacêutico e médico Renato Ferraz Kehl (1889- 1974) e do escritor e editor José Bento Monteiro Lobato (1882- 1948) entre os anos de 1918 e 1927. Para isso foram utilizados como corpus documental o único romance escrito por Monteiro Lobato, *O Choque das Raças*, publicado em 1926, além de correspondências trocadas pelos eugenistas em questão e livros publicados por Renato Kehl, prefácios e reportagens escritas em jornais. Na nossa visão, tanto Lobato quanto Kehl buscaram atuar em seus próprios campos com a intenção de divulgar a causa eugênica no Brasil, que tinha como propostas o higienismo, sanitarismo, controle da imigração, segregação, controle de natalidade, branqueamento, educação eugênica, exames pré-nupciais e a esterilização, com o objetivo principal de aperfeiçoamento da raça brasileira.

Buscou-se demonstrar que, apesar de que no Brasil o movimento eugênico estivesse bastante vinculado a medidas no campo do sanitarismo e higienismo, existiam propostas de eugenia negativa que buscavam eliminar os “degenerados” que o sanitarismo/higienismo não conseguisse curar. A hipótese defendida nesta monografia é que o movimento eugenista nacional tinha como proposta ideias radicais desde a sua institucionalização, em 1918, que não foram aplicadas como política de Estado, não significando, contudo, um eugenismo “leve” ou de inspiração latina ou neolamarckista. Vê-se o campo eugênico mais complexo e heterogêneo. O que foi denominado eugenia negativa em Renato Kehl anda lado a lado com as propostas de eugenia mais “suaves”, como por exemplo, a educação eugênica, o sanitarismo/higienismo, imigração, exames pré-nupciais e a esterilização. Como proposta eugênica, Kehl nunca desvinculou a eugenia negativa da preventiva e da positiva. Para ele, essas três modalidades tinham que ser aplicadas juntas. Esse aspecto também pode ser observado no romance lobatiano, que usou a mesma estratégia teórica e argumentativa no *Choque*.

**Palavras-Chave:** Esterilização Eugênica; Renato Kehl; Monteiro Lobato; Eugenia Negativa; Eugenia Racial.

**ABSTRACT:** This study analyzes the eugenic proposal of the pharmacist and physician Renato Ferraz Kehl (1889-1974) and the writer and editor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) between 1918 and 1927. For this, the only novel will be used as a documentary corpus. written by Monteiro Lobato, *O Choque das Raças*, published in 1926, as well as correspondence exchanged by the eugenicists in question and books published by Renato Kehl, prefaces and articles written in newspapers. In our view, both Lobato and Kehl sought to act in their own fields with the intention of spreading the eugenic cause in Brazil, which had as proposals the hygiene, sanitation, immigration control, segregation, birth control, whitening, eugenic education, exams prenuptials and sterilization, with the main objective of improving the Brazilian breed.

We sought to demonstrate that, despite the fact that in Brazil the eugenics movement was closely linked to measures in the field of sanitarianism and hygiene, there were proposals for negative eugenics that sought to eliminate the “degenerates” that sanitarianism/hygienism could not cure. The hypothesis defended in this monograph is that the national eugenic movement had as its proposal radical ideas since its institutionalization in 1918, which were not applied as State policy, not meaning, however, a “light” eugenicism or of Latin or neo-Lamarckist inspiration. The most complex and heterogeneous eugenic field is seen. What has been called negative eugenics in Renato Kehl goes hand in hand with the “softer” eugenics proposals such as eugenics education, sanitation/hygienism, immigration, pre-nuptial exams and sterilization. As a eugenic proposal, Kehl never dissociated negative from preventive and positive eugenics. For him, these three modalities had to be applied together. This aspect can

also be observed in the Lobato novel that used the same theoretical and argumentative strategy in *Choque*.

**Keywords:** Eugenic Sterilization; Renato Kehl; Monteiro Lobato; Negative Eugenics; Racial Eugenics.

**RESUMEN:** Este estudio analiza la propuesta eugenésica del farmacéutico y médico Renato Ferraz Kehl (1889-1974) y del escritor y editor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) entre 1918 y 1927. Para ello, se utilizará la única novela como documental. corpus, escrito por Monteiro Lobato, *O Choque das Raças*, publicado en 1926, así como la correspondencia intercambiada por los eugenistas en cuestión y los libros publicados por Renato Kehl, prefacios y artículos escritos en periódicos. A nuestro juicio, tanto Lobato como Kehl buscaron actuar en sus propios campos con la intención de difundir la causa eugenésica en Brasil, que tenía como propuestas la higiene, saneamiento, control migratorio, segregación, control de la natalidad, blanqueamiento, educación eugenésica, exámenes prenupciales. y esterilización, con el objetivo principal de mejorar la raza brasileña.

Buscamos demostrar que, a pesar de que en Brasil el movimiento eugenésico estaba estrechamente vinculado a medidas en el campo del saneamiento y la higiene, había propuestas de eugenesia negativa que buscaban eliminar los “degenerados” que el sanitarismo/higienismo no podía curar. La hipótesis que se defiende en este monográfico es que el movimiento eugenésico nacional tuvo como propuesta ideas radicales desde su institucionalización en 1918, que no fueron aplicadas como política de Estado, no significando, sin embargo, un eugenismo “ligero” o de inspiración latina o neolamarckista. . Se observa el campo eugenésico más complejo y heterogéneo. Lo que se ha denominado eugenesia negativa en Renato Kehl va de la mano de propuestas eugenésicas “más suaves” como la educación eugenésica, el saneamiento / higiene, la inmigración, los exámenes prenupciales y la esterilización. Como propuesta eugenésica, Kehl nunca disoció la eugenesia negativa de la preventiva y la positiva. Para él, estas tres modalidades debían aplicarse juntas. Este aspecto también se puede observar en la novela de Lobato que utilizó la misma estrategia teórica y argumentativa en *Choque*.

**Palabras Clave:** Esterilización eugenésica; Renato Kehl; Monteiro Lobato; Eugenesia negativa; Eugenesia racial.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO 1 - Renato Kehl no "frontispício" do Choque das Raças .....	14
CAPÍTULO 2 - Eugenia Negativa em Renato Kehl e Eugenia Racial em Monteiro Lobato...	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
FONTES DOCUMENTAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXO.....	40

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Iniciamos este trabalho explicando brevemente o seu título: *Esterilização Eugênica: Eugenia Negativa em Renato Kehl e Eugenia Racial em Monteiro Lobato 1918 - 1927*. O conceito *eugenia negativa* existe nas propostas eugênicas de Renato Kehl e se refere, de maneira geral, à restrição de nascimentos, exames pré nupciais, esterilização para evitar a procriação dos considerados incapazes, mas que tem pontos de contato com as outras duas modalidades eugênicas: a eugenia positiva, que se consubstancia em educação e incentivo e regulação da procriação dos capazes, e preventiva, controle dos fatores disgênicos pelo saneamento ambiental (SANTOS: 2008: 22).

Já o conceito *eugenia racial*<sup>2</sup>, elaborado por essa pesquisa, refere-se a uma eugenia específica para a proposta lobatiana em seu romance eugenista-racista futurista, *O Choque das Raças*, direcionada à população negra nos Estados Unidos em um futuro utópico, no ano 2228. O modo como essas medidas foram aplicadas à população negra demonstra o *modus operandi* em que o racismo e a eugenia foram e são aplicados no Brasil de forma “secreta” e não institucionalizada<sup>3</sup>.

O recorte temporal entre os anos de 1918 e 1927 se justifica por diversos fatores envolvendo as trajetórias que iremos analisar. Em 1918, Kehl funda a primeira sociedade eugênica da América do Sul e Lobato se torna o proprietário da *Revista do Brasil*. No mesmo ano se inicia uma amizade entre os eugenistas a partir de uma missiva enviada por Lobato a Kehl. O ano de 1927 é também marco historiográfico importante para a análise da proposta eugênica defendida por Kehl, já que esse ano marcaria a cisão na trajetória de Kehl, caracterizada até esse momento por uma eugenia mais “leve” e de caráter sanitarista, ocorrendo uma “virada” que teria levado à radicalização de suas propostas eugênicas a partir de sua viagem à Alemanha em 1928. (SOUZA, 2006 [2019]; BOMFIM, 2017; DIWAN, 2003 [2020]; STEPAN, 1991 [2005]).

Esta pesquisa se justifica pelas contribuições que pode oferecer ao campo dos estudos sobre a eugenia no Brasil, que há vários anos tem propagado a ideia de que supostamente

<sup>1</sup> Parte das reflexões desenvolvidas nesta monografia são fruto da leitura historiográfica e de lives semanais que foram promovidas conjuntamente com a professora doutora Pietra Diwan sobre O choque das Raças em um período de 25 semanas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/PietraDiwan>>.

<sup>2</sup> O termo eugenia racial poderia ser ampliado para eugenia étnica, mas optamos neste trabalho analisar apenas a proposta eugênica de Monteiro Lobato, direcionada à população negra. Ainda está para ser feito um trabalho que investigue a “invasão amarela” ou “mongol” e a eliminação total dos indígenas que Lobato faz referência no livro *O Choque das Raças*, assim como as tensões de gênero que permeiam todo o romance e a total ausência de mulheres negras no mesmo.

<sup>3</sup> A título de exemplo citamos a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito - CPMI - 1993, do Congresso Nacional, que teve por finalidade examinar a incidência de esterilização em massa de mulheres no Brasil.

tenha existido, inicialmente, uma eugenia ligada mais às propostas sanitarias e higienistas e, conseqüentemente, mais “leves”, relacionadas ao neolamarckismo e posteriormente voltadas ao mendelismo (STEPAN, 1991 [2005]; BONFIM, 2017; DIWAN, 2003 [2020], SOUZA, 2019 [2006]. Poucos trabalhos apontaram em direção contrária a essas interpretações (ENGEL, 2012; SANTOS, 2008). Escolhemos seguir metodologicamente essa segunda linha de análise, que não faz separações tão rígidas entre sanitarismo, higienismo e eugenia negativa na proposta de Kehl.

Nosso objetivo, nesta monografia, é analisar as propostas eugênicas de dois importantes nomes da intelectualidade brasileira da segunda década do século XX. Para a construção deste estudo, foi de fundamental importância aproximar as trajetórias de Renato Kehl e Monteiro Lobato, uma vez que ambos foram adeptos da ciência do britânico Francis Galton (1822- 1911), que em 1883 cunhou o termo eugenia, que significa “bem nascido” (MIRANDA, 2009: 283).

A eugenia teve o seu início na Inglaterra vitoriana, em 1883, com o cientista Francis Galton (1822-1911), primo de Charles Darwin (1809- 1882) , e pode ser entendida como um movimento de alcance transnacional<sup>4</sup>. Desde o seu primeiro congresso internacional realizado na Universidade de Londres - *Eugenics Education Society* -, em 1912, que foi presidida por Leonard Darwin (1850 - 1943), os cientistas eugenistas já tinham o desejo de divulgar essa nova ciência em escala internacional (BASHFORD; LEVINE, 2010).

Em 1921, aconteceu, no Museu Americano de História Natural - *American Museum of Natural History* -, o segundo congresso internacional de eugenia, já que no primeiro congresso foi estabelecido um Comitê Eugênico Permanente - *International Eugenics Committee*- que organizou este segundo evento na América. A organização do segundo congresso internacional de eugenia ficaria a cargo de Henry Fairfield Osborn (1857- 1935), professor da Universidade de Columbia - *Columbia University* - e também pelo presidente da Sociedade de Zoologia - Madison Grant (1865- 1937), Clarence Little (1888- 1971) zoólogo neo-malthusiano, e Charles Davenport (1866- 1944) do Departamento de Genética do Instituto Carnegie - *Carnegie Institute's Department of Genetics* - sendo dividido em quatro Sessões Eugênicas: Genética Pura em Animais; Plantas e Hereditariedade Humana; A Regulamentação da Reprodução da Família Humana; Diferenças Raciais Humanas; e Eugenia em relação ao Estado, Sociedade e Educação. A partir dos temas debatidos nesse

---

<sup>4</sup> DIWAN, Pietra. Entre Dédalo e Ícaro: cosmismo, eugenia e genética na invenção do transhumanismo norte-americano (1939-2009). 2020. Destaca a eugenia como o primeiro movimento científico transnacional. p. 91.

congresso foram lançados dois livros: *Eugenia Genética e a Família* e *Eugenia, Raça e Estado* ambos no ano de 1923.

Dez anos depois, outro Congresso Internacional de Eugenia foi organizado na cidade de Nova York, organizado pelo eugenista Charles Davenport que tinha um interesse particular na Ciência Racial. Alguns temas foram discutidos nesse congresso, dentre eles: Diferenças Raciais e suas Medidas, Seleção de Parceiros e a Taxa de Natalidade; O Socialmente Inadaptado; A Fisiologia da Reprodução; Sociedade, Eugenia e Genética.

Por fim, em 1940, foi realizado o quarto congresso internacional de eugenia, organizado pela Sociedade Alemã de Higiene Racial (BASHFORD; LEVINE, 2010). Esses congressos eram acompanhados pelo médico e farmacêutico eugenista brasileiro Renato Kehl, que em seu livro - *Sexo e Civilização: Aparas Eugenicas* - escrito em 1933 afirma:

“Foram os ecos do Congresso de Eugenia de Londres, realizado em 1912, que nos impeliram ao problema da regeneração humana. Dedicava-nos naquela época, ainda estudante de medicina, às questões de hereditariedade, tendo escrito o primeiro trabalho sobre Eugenia anexo a um estudo sobre as teorias de Weissmann, conservando inédito, ao invés de apresentar como tese de formatura, como era de nosso intuito. (KEHL, 1933).

Um dos principais objetivos da ciência eugênica era encorajar os nascimentos dos considerados de “boa estirpe” e desencorajar os nascimentos dos “degenerados”. Nesse sentido, a ciência da hereditariedade funcionaria como a cura física, psicológica e moral da sociedade brasileira.

A institucionalização do campo eugênico no Brasil, no início do século XX, se deu na esteira das políticas sanitaristas e higienistas, podendo isto ser visto no ano de 1918 com a criação da Sociedade Eugênica de São Paulo, em janeiro, e logo em seguida a Liga Pró-Saneamento do Brasil<sup>5</sup>. Acreditamos que estabelecer a dicotomia entre eugenia e higienismo/saneamento não seja metodologicamente a melhor maneira de analisar um fenômeno tão complexo e polimorfo como é a eugenia no Brasil. Partindo dessa premissa, analisamos o único romance escrito por Monteiro Lobato e os escritos do médico eugenista Renato Kehl, na tentativa de observar o tema da esterilização eugênica no período estudado. Nessas obras, tanto Kehl quanto Lobato destacam o papel da educação para a criação de uma consciência eugênica, juntamente com medidas sanitárias. Além disso, ambos defendiam o

---

<sup>5</sup> Na obra “*Problema Vital*” de Monteiro Lobato, publicada em 1918, encontra-se a seguinte afirmativa: “Artigos publicados no “Estado de São Paulo” e enfeixados em volume por decisão da Sociedade Eugênica de S. Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil”.

exame pré-nupcial e até mesmo medidas radicais como a esterilização, como uma maneira de evitar o nascimento dos denominados por eles de “pesos mortos”.

Enquanto Kehl defendia os princípios da eugenia de maneira aberta e inspirados em intelectuais do cenário internacional, por meio dos seus escritos em periódicos farmacêuticos/médicos, em livros, jornais, revistas e palestras, Lobato fazia o uso da literatura para “lançar”, “vulgarizar” e divulgar a eugenia, especificamente no seu romance *O Choque das Raças*. Escrito em bases eugenistas explícitas e implícitas, esse romance nos fornece subsídios ao debate em torno da eugenia no Brasil. Uma obra literária fornece informações importantes para pensar as propostas do movimento eugênico no Brasil e reflete as ansiedades, medos e expectativas de seu tempo. Aproximar esses dois autores pode responder algumas perguntas ainda não respondidas sobre a história da eugenia no Brasil assim como a cronologia e a temporalidade do movimento eugênico brasileiro e o seu radicalismo anterior à década de 1930, ao menos como proposta.

O objetivo geral é analisar o campo eugênico a partir do romance de Monteiro Lobato e de alguns escritos de Kehl produzidos entre 1918 e 1927 e questionar as “fases” ou a “virada” da cronologia sobre a eugenia no Brasil, conforme foi apontado por (SOUZA, 2019). Em sua análise, Ricardo Augusto dos Santos questiona essa “ruptura” no pensamento de Renato Kehl (SANTOS, 2008). A maioria dos autores defendem que a eugenia nacional teve uma fase mais “leve” entre 1918 e 1927 e posteriormente uma fase mais “dura” no começo dos anos 1928 (BONFIM, 2017; DE CARVALHO, 2018; DIWAN, 2003; SOUZA, 2006; STEPAN, 2005). Essa pesquisa buscou justamente questionar através das obras de Renato Kehl e Monteiro Lobato essas afirmativas.

Em 26 de Março de 1921, na *Revista Brazil-Medico*, Kehl escreveu um pequeno artigo denominado *A esterilização sob o ponto de vista eugênico*, em outra obra lançada em 1922, *Melhoremos e Prolonguemos a Vida*, em 1923, *A Cura da Fealdade* na qual é defendida a esterilização. Já no ano de 1925, escreveu *A esterilização dos grandes degenerados e criminosos* como medida profilática. Já Monteiro Lobato, em seu romance, em 1926, colocava essa medida em sua obra literária antes da suposta radicalização do movimento eugênico nacional apontado pela historiografia.

Esta monografia está dividida em dois capítulos. No Capítulo 1 - Renato Kehl no "frontispício" do *Choque das Raças* - foram analisadas as propostas eugênicas de Lobato e Kehl, entre os anos de 1918 e 1927, e como ambos dialogavam com a eugenia no contexto nacional e internacional. No capítulo 2 - Eugenia Negativa em Renato Kehl e Eugenia Racial

em Monteiro Lobato - apontamos na documentação pesquisada quais sujeitos históricos foram escolhidos como empecilho ao progresso e que deveriam ser esterilizados.

## CAPÍTULO 1 - RENATO KEHL<sup>6</sup> NO "FRONTISPÍCIO" DO CHOQUE DAS RAÇAS

“Renato,  
Tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti devia eu dedicar meu *Choque*, grito de guerra pró-eugenia. Vejo que erreí não te pondo lá no frontispício, mas perdoai este estropeado amigo. Quando passares no Leite Ribeiro entra e pega a caixa o exemplar que te dediquei. Precisamos lançar vulgarizar estas ideias. A humanidade precisa de uma coisa só: poda. É como a vinha. Lobato”<sup>7</sup>

De qual *Choque* Monteiro Lobato se refere nesta missiva ao seu amigo de longa data<sup>8</sup> Renato Kehl? Trata-se do romance *O Choque das Raças*, o qual, nas palavras de Lobato, seria um “grito de guerra pró-eugenia”. O erro pelo qual Lobato se desculpa é por não ter colocado Kehl no “frontispício” deste romance eugenista. O que fica evidente nessa carta é a maneira bastante intencional de Lobato em tornar “vulgar estas ideias” através do *Choque*. Kehl é um dos principais divulgadores da eugenia no Brasil e o título de “pai da eugenia no Brasil” dado a ele por Lobato demonstra o seu engajamento na causa.

O enredo do único romance de Lobato tem como protagonista e escritor Ayrton Lobo, empregado da firma Sá, Pato & Cia, que é encarregado de fazer uma cobrança na cidade de Friburgo, mas sofre um acidente no seu automóvel *Ford* e é resgatado por homens que trabalham para o professor Benson, o qual mora em um Castelo-Laboratório com a sua filha Miss Jane. Lobo vira confidente de Benson que o inicia na ciência eugênica. Benson criou uma máquina chamada *Porviroscopio*, capaz de observar cenas do passado e do futuro. Antes de falecer, o professor destrói a máquina ficando a cabo de sua filha, Jane, a educação eugênica de Lobo. As revelações do ano de 2228 são apresentadas por Jane a Lobo, que aos poucos vai desenvolvendo uma consciência eugênica.

Grande parte da historiografia da eugenia cita o *Choque das Raças* como fonte privilegiada para adentrar nos estudos sobre o pensamento eugênico no Brasil, como é o caso dos trabalhos de (DIWAN, 2003 [2020]; HABIB, 2003; SANTOS, 2008; LUPPI, 2011; FERREIRA, 2016; MUNARETO, 2017; GÓES, 2015 [2018]; LEAL, 2020). Tomando como

<sup>6</sup> Renato Kehl inicialmente graduou-se em farmácia no ano de 1909 e em medicina em 1915.

<sup>7</sup>(Fundo Renato Kehl, DAC-COC. S/D). Embora sem data, acreditamos que a carta seja do ano de 1926, lançamento do *Choque* em livro. Carta na íntegra em anexo na página 40.

<sup>8</sup> A amizade entre Monteiro Lobato e Renato Kehl tem início em 06 de abril de 1918 a partir de uma carta enviada por Lobato a Kehl dizendo que “sentia-se envergonhado por só agora travar conhecimento com um espírito tão brilhante como o teu untado para tão nobres ideais e servido, na expressão do pensamento, para um estilo verdadeiramente eugênico pela clareza, equilíbrio e rigor vernacular.” (Carta de Lobato a Kehl. São Paulo. Fundo Pessoal Renato Kehl, COC/Fiocruz).

ponto de partida essa vasta gama de trabalhos sobre o tema, propomos uma nova apreciação aos estudos sobre eugenia no Brasil, tomando como fonte o único romance do escritor eugenista Monteiro Lobato, em aproximação com Renato Kehl e suas propostas eugênicas de futuro viável e próspero para a nação brasileira. Outra tentativa de aproximação foi realizada anteriormente por HABIB (2007) em espetacular artigo<sup>9</sup>.

O *Choque* foi publicado de forma seriada, diariamente no jornal carioca *A Manhã* de Mário Rodrigues, entre os dias 5 de setembro e 1 de outubro de 1926. O romance se inicia com um diálogo bastante inocente na fila do London Bank<sup>10</sup> entre o protagonista Ayrton Lobo, empregado do comércio, e um conhecido. Logo nas primeiras linhas, encontramos uma afirmação bastante impactante: “Às vezes, ponho-me a imaginar como seriam cá na terra se um sábio eugenismo desse combate a desonestidade pela eliminação completa dos desonestos. Que paraíso!” (LOBATO, 1926:10). A ideia de um paraíso na terra criado pelo homem era um dos desejos dos eugenistas, ou seja, uma sociedade sem conflitos sociais é o sonho utópico do conhecido de Ayrton Lobo e também de Kehl. Essa afirmação está bastante alinhada com um texto de Renato Kehl publicado pela editora *Revista do Brasil*, em 1919, de título “*O Manifesto Eugenista*”.

O mundo deixou de ser o doce seio de Abraão, para ser o vale de lágrimas dos poetas. Mas, aqui está a nossa esperança, que serve de lenitivo para os descabros da hora presente. Cremos na vitória da eugenia. Quando as reformas eugênicas forem uma realidade, o que talvez se dará daqui a algumas gerações, então os homens serão formados de um físico e de uma moral perfeitos. A saúde imperará, a sociedade tornar-se-á organizada sobre as bases sólidas da Verdade e da Justiça, e o homem poderá dizer que, partindo do pecado original de Adão, peregrinará séculos e séculos, para voltar de novo ao Paraíso. O paraíso bíblico o homem destruiu. O paraíso terrestre o homem criará.<sup>11</sup>

O apelo religioso dessa fonte-fundadora é importante no que diz respeito à forma com que Renato Kehl apresenta a eugenia ao público, como uma proposta de recuperação do paraíso destruído por Adão, na narrativa bíblica cristã, e a possibilidade de recriação de homens fisicamente e moralmente perfeitos. Entretanto, para que esse paraíso terrestre fosse criado na terra, medidas eugênicas deveriam ser aplicadas. A eugenia seria uma maneira de

<sup>9</sup>HABIB, Paula. Saneamiento, Eugenesia y Literatura: Los Caminos Entrecruzados de Renato Kehl y Monteiro Lobato (1914-1926), 2007.

<sup>10</sup> Como foi observado por FERREIRA (2016, p. 58) “Vale ressaltar que o banco no qual Lobato fez os empréstimos para comprar os novos maquinários da editora foi o London Bank. Por coincidência ou não, o romance *O Choque das Raças* se inicia com o diálogo entre colegas na fila do mesmo banco”.

<sup>11</sup> KEHL Apud SANTOS, Ricardo Augusto dos. La eugenesia y el nuevo paraíso. In: Vallejo, Gustavo; Miranda, Marisa. Derivas de Darwin: cultura y política en clave biológica. Buenos Aires, Siglo XXI Editora Iberoamericana, 2010. p.49-69.



aperfeiçoar a moral, para que a desonestidade fosse extinta, assim como os desonestos. Essa proposta de elevação da moral através da eugenia era defendida abertamente por Renato Kehl, com base teológica:

A própria bíblia é malthusianista e partidária da esterilização e, note-se, é até cruel nas suas disposições. Diz o versículo 20 do capítulo 7 de São Mateus: “toda árvore que não dá bom fruto será cortada e metida no fogo”.

Os eugenistas são mais humanitários... dão conselhos às árvores más a fim de não produzirem frutos de má espécie, ensinando-lhes o modo de alcançar esse resultado e deixando-as viver, em paz, evitam o mal, sem necessidade, portanto de remediá-lo.

A prática da do malthusianismo e da esterilização só é concebível é aconselhável aos indivíduos incapazes para as boas procriações e isso mesmo dentro de certas restrições que não vem a pelo referir, mas que os interessados poderão ler na “A cura da fealdade”, onde estudo o assunto com certos pormenores, exaltando a importância do exame de sanidade pré nupcial para a preservação da prole e, por conseguinte, da espécie.<sup>12</sup>

Kehl procura demonstrar que a própria bíblia é partidária da esterilização e que os eugenistas são mais "humanitários" em seus conselhos às "árvores", deixando a prática da esterilização para indivíduos incapazes para boa procriação. Além disso, indica a leitura do seu livro *A Cura da Fealdade*, no qual essas pessoas “aptas” para a esterilização são catalogadas. Vejamos os “conselhos” "humanitários" que Kehl apresenta no seu livro sobre a regulação do casamento:

A regulação do casamento, dentro destas normas, pode parecer tirânica, para aqueles que não pressupõe a desdita de tantas esposas, a desgraça de tantas crianças, nascidas com deformidades, de milhares de monstriparos que aí vivem, arrastando as suas misérias e fealdades. O ato de evitar as delícias do himeneu a pobres mortais que, com isso, vão causar a desgraça de tantos outros, não pode ser considerado uma crueldade.

Mesmo que seja crueldade tirania, deve ser praticado porque é louvável e benéfico. (KEHL, 1923: 259).

Controlar os casamentos seria uma maneira de evitar os nascimentos de “crianças com deformidades”. Kehl finaliza dizendo que mesmo que essa prática seja tirânica e cruel, deveria ser praticada pelo benefício que traria a sociedade.

Seguindo a leitura do romance, entra em cena outro personagem chamado professor Benson, que é apresentado como "um homem misterioso que passa a vida no fundo dos laboratórios, sábio em ciências naturais"<sup>13</sup>. Ayrton Lobo, o personagem e escritor do

<sup>12</sup>KEHL, Renato. Da eugenia e o futuro do Brasil - Jornal “O norte de Taubaté” 11 de abril de 1924.

<sup>13</sup> LOBATO, M. O choque das raças. Jornal A Manhã: Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1926, ano, II, n.215, p.5.

romance, é narrador onisciente, que escreve depois de ser transformado pela eugenia, a qual lhe é ensinada pelo professor Benson<sup>14</sup>. Algumas passagens apontam para essa conclusão:

Recebi o dinheiro e sai para o torvelinho das ruas, onde breve se apagou do cérebro a impressão do professor Benson e das palavras do meu amigo. Mas a vida dá misteriosas voltas e, um belo dia, ao despertar de um sono letárgico, quem vi diante dos meus olhos, qual espectro? O professor Benson!...Mas não antecipemos, e, antes de mais nada, permitam-me que fale um bocado da minha pessoa.<sup>15</sup>

Ayrton Lobo segue a sua narrativa e esquece da impressão do professor Benson e também das palavras sobre eugenia que ouviu do seu colega na fila do banco. Não é por acaso que quem apresenta os princípios eugênicos a Ayrton Lobo é um professor, o que demonstra que a educação seria uma ferramenta poderosa para inculcar na sociedade uma "consciência eugênica". Dentro dessa estratégia lobatiana, o principal personagem, Ayrton Lobo, em algumas ocasiões revela:

Vi bem clara a diferença que existe entre ter ideias próprias, frutos fáceis e lógicos de uma árvore nascida de boa semente e desenvolvida sem peias ou imposições externas - e ser árvore de natal, museu de ideias alheias, pegadas daqui e dali, sem ligação orgânica com os galhos, donde não pendem de pedúnculos naturais e sim de ganchinhos de arame. E aprendi a ser também árvore como as que crescem no campo, e a deixar-me engralhar, enflorar e frutificar livremente por mim próprio. Sinto hoje que a minha árvore mental cresce desafogada no sítio tanto tempo ocupado por uma árvore cabide[...]. Foi com miss Jane que aprendi a pensar (LOBATO, 1926:108-109).

Ayrton é cooptado pelas ideias dos “bem nascidos” e “eugenizados”, professor Benson e Miss Jane, da mesma forma. Assim, ao leitor vão sendo apresentadas, “didaticamente” (HABIB, 2003), as ideias eugênicas das duas personagens, as analogias são tudo menos inocentes, já que a árvore é um símbolo das ideias eugênicas. A árvore da eugenia se coloca como o símbolo do próprio movimento eugenista que se nutre de diversas disciplinas e que foi lançada no segundo congresso internacional de eugenia, em 1921, nos Estados Unidos (DIWAN, 2003). Assim como as sociedades que seriam transformadas por essa ciência seriam árvores fortes, frondosas e belas. Ayrton “aprende a pensar”, mas através

<sup>14</sup> Depois da morte do professor Benson que inicia Ayrton nos preceitos eugênicos a educação eugênica fica a cargo de sua filha “bem nascida” Miss Jane.

<sup>15</sup> LOBATO, M. O choque das raças. *Jornal A Manhã*: Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1926, ano, II, n.215, p.5. Outras passagens são bastante emblemáticas: “continuei no trabalho por mais quatro anos, daí por diante já curado de jogatinas”. p.5. Na versão em livro de 1926, “jogatinas e megalomanias”. Em outro momento Ayrton rememora o período de convívio com o professor Benson: “Hoje, que já nada mais existe do professor Benson a não ser uma lápide no cemitério, e nada existe senão as cinzas do seu maravilhoso laboratório, se me ponho a analisar esse período da minha vida, tenho a sensação que convivi com um Deus humanizado! O nome do capítulo também é simbólico: O Tempo Artificial.

Em outra ocasião relembra o dia em que se iniciou às revelações do ano 2228: “Lembro-me muito bem desse dia - dia calmo de agosto, o mês das queimadas. O ar fumarento fazia do sol um disco de brasa sem brilho. Palhinhas carbonizadas vinham de longe cair aos nossos pés em lentas espirais. Lembro-me até das palavras com que miss Jane abordou o tema, na varanda que abria para a paisagem de montanhas distantes.

do desejo de exclusão daqueles que não faziam parte da elite eugenizada, o que inclui pessoas com deficiência, ou pessoas que não pensavam da mesma forma que ele. Em outra ocasião, imagina o futuro em que só haveria nas ruas da cidade ele e miss Jane, em que tem um sonho da cidade limpa dos “aleijões” e “Estava ansioso por voltar à cidade e, nos cafés, na rua, no escritório, pregar a eugenia e insultar a estúpida gente que não vê as coisas mais simples.” (LOBATO, 1926: 216). Ayrton passa de um simples empregado do comércio a defensor radical da eugenia e escritor do romance, que narra a sua transformação a partir dos preceitos eugênicos. O que significa que nem todas as pessoas eram excluídas dessa agenda, podendo alguns serem “salvos” e incluídos nesta sociedade eugenizada.

Além da educação, outra medida para o melhoramento da sociedade seria os exames pré-nupciais que são apresentados no *Choque* de maneira bastante radical e violenta. Nas revelações que Miss Jane faz do futuro, essa medida é exaltada como responsável pelo sucesso da sociedade americana, em 2228. A partir do *Código da Raça*, o direito de reprodução passou a ser restringido e os nubentes tinham que passar por exames de eugenia pelo *Gabinete Eugenometrico*.

Se um pai autorizado pretendia casar-se, tinha de fazer passar a noiva pelos Gabinetes Eugenometricos, onde lhe avaliavam o índice eugênico e estudavam os problemas relativos à harmonização somática e psíquica dos nubentes. Caso os dois ou um deles não atingisse o índice exigido, poderiam contrair núpcias, mas sob a condição de infecundidade. (LOBATO, 1926: 213).

É impressionante e assustadora a maneira com que Lobato atenua uma medida tão radical e agressiva como a esterilização. A “condição de infecundidade” do casal seria atingida por uma cirurgia de “extirpação dos ovários” (KEHL, 1921: 156) nas mulheres e nos homens em “ligaduras dos canais deferentes” (KEHL, 1921: 156), o que aproxima a proposta de sociedade perfeita e eugenizada de Lobato aos anseios de muitos eugenistas no mundo, principalmente ao programa que vinha sendo defendido em jornais, revistas, livros e conferências por Renato Kehl.

Quando se fala em exames pré nupciais explicitamente está se falando em controle de nascimentos e esterilização (na proposta de Lobato e Kehl) se o casal deseja contrair núpcias. Como fica evidente em uma passagem em que Kehl demonstra essa possibilidade:

A Eugenia, para acautelar os interesses da raça, preconiza o estabelecimento do exame pré-nupcial e a proibição do casamento entre indivíduos tarados e degenerados. Essa proibição do casamento, porém, poderá ser relevada, desde o candidato ao casamento, sendo portador de estigmas degenerativos ou doença prejudicial à prole, sujeite-se a uma prévia esterilização, que o torne isento da faculdade de procriar indesejáveis. (KEHL, 1923: 260).

Kehl tece ainda alguns comentários a este respeito e elogia as medidas explicitadas no *Choque*:

Esperemos pelos americanos! Eles farão, em breve, cair de velho os escrúpulos sociais que ainda existem a respeito da seleção humana! Diria Monteiro Lobato, se estivesse ao nosso lado, quando escrevemos estas linhas.

E acrescentaria:

- Não leu o “choque” ? Lá está o que farão os americanos para constituir uma elite na América - a nova aristocracia dos filhos do Amor e da Beleza... O *self-control!* Eliminação dos elementos anti-sociais. Aplicação rigorosa do Código da Raça. O direito de reprodução só será permitido aos que receberem do ministro da Seleção Artificial o *brevet* de pai autorizado. Os americanos suprimindo as más sementes fecharão as prisões, os hospitais, os hospícios, e os asilos de toda a espécie. E os "sociólogos da época assombrar-se-ão da estupidez dos seus ancestrais" que passaram lutando contra os produtos do mal sem terem a ideia de suprimi-los pela supressão da má semente.<sup>16</sup>

Kehl, usando o romance de Lobato, faz uma pergunta ao leitor do jornal: “não leu o ‘Choque’?” Isso demonstra como esse livro era importante para pensar sobre a proposta eugênica no Brasil e como era visto como um auxiliar na divulgação e propagação dessas ideias bastante extremadas. Ao contrário do que afirma (SOUZA, 2019), as medidas de eugenia negativa eram propostas por Kehl já no ano de 1927, tendo como referência *O Choque* e a sociedade norte-americana, e não a *Higiene Racial Alemã* como afirma o autor.

Considero que o período entre 1928 a 1932 é marcado por um intenso processo de ruptura no pensamento de Renato Kehl, que o aproximou das discussões mais extremadas sobre as medidas eugênicas. (SOUZA, 2019: 40)

Sua viagem à Alemanha, em 1928, colocou-o a par de um amplo conjunto de ideias e projetos que circulavam naquele momento nos movimentos eugênicos do norte da Europa e nos Estados Unidos, e acabou por distanciá-lo das concepções eugênicas predominantes no Brasil e na América Latina. (SOUZA, 2019: 42)

Uma pergunta se faz necessária a essas afirmações de “medidas mais extremadas”: o que viria a ser algo mais extremo do que propor esterilização abertamente em livros e reportagens jornalísticas? Discordamos frontalmente dessas afirmações de que Renato Kehl supostamente teria uma postura mais radical após a suas viagens à Europa. Outra afirmação bastante problemática é colocar as propostas eugênicas brasileiras e latino-americanas como homogêneas. Como veremos adiante, existiam propostas de eugenia consideradas radicais, como esterilização e exames pré-nupciais, que eram defendidas por médicos eugenistas fora do eixo Rio-São Paulo mesmo antes da década de 1930. Além disso, a supressão das más

<sup>16</sup> KEHL. Renato. *A Criação Racional do Homem Puro-Sangue*. 1927 (Itálico do autor).

sementes era algo que já estava na agenda de Kehl pelo menos desde 1918, como afirma Ricardo Augusto dos Santos:

Encontramos referências seguras com respeito ao controle do Estado na procriação humana entre 1918 e 1921. Também há citações dele a respeito de esterilização e da necessidade de exames pré nupciais prévios ao casamento. Portanto, não está nas viagens de Kehl à Europa a explicação da radicalização. (SANTOS, 2008: 23-24).

A fim de complexificar ainda mais esse debate, existe uma variedade de fontes que podem ampliar o tema da esterilização e controle de casamentos entre 1918 até o ano de 1927. O que fortalece a tese de (SANTOS, 2008) a qual este trabalho está mais alinhado. O que classifica a proposta de Lobato e Kehl como bastante agressiva antes da suposta exacerbação do movimento a partir do ano de 1928. Em sua dissertação de mestrado, intitulada: *Para o bem da raça: A época da eugenia na Bahia (1917-1935)*, Lucas Carvalho do Nascimento Nogueira demonstra como o médico Clodoaldo de Magalhães Avelino, em sua tese *Eugenia e Casamento*, defendida na faculdade de medicina da Bahia em 1924, defendia abertamente exames pré-nupciais e esterilização de “desgraçados” como medida eugênica.

Que fazer? Longe do asilo onde toda vida não pode ficar - ele procriará de novo entes desgraçados. Compreende-se. É difícil persuadi-lo da utilidade da esterilização, mormente quando a sua cultura intelectual não é de natureza a permitir esta compreensão. Assim, pois a medida intervém. Francamente não vemos em tal medida, senão um gesto humanitário. A obrigatoriedade do exame pré-nupcial, a esterilização e outras medidas eugênicas, já são impostas por lei em muitos países. (AVELINO, 1923: 63).

Medidas eugênicas radicais tiveram como exemplo legislações internacionais que eram acompanhadas de perto pelos médicos eugenistas brasileiros, que viam como uma possibilidade de regeneração da raça.

Em seu livro *A Cura da Fealdade*<sup>17</sup>, escrito em 1923, Kehl demonstrou novamente a importância dos exames pré nupciais no capítulo intitulado *Da permissão para o casamento*:

A regulamentação do casamento segundo estas normas preservativas, já é uma realidade em muitos países. Nalguns Estados da União Americana existem Conselhos de Revisão, por onde devem passar os candidatos ao matrimônio. Esses Conselhos não permitem o enlace dos que sofrem de doenças contagiosas. Em outros Estados de Michigan, Califórnia, Indiana, New Jersey, New York e outros foi proposto e aceito o alvitre ainda mais elevado que consiste na esterilização dos epiléticos, loucos, criminosos, com o fim de evitar que os mesmos procriem, transmitindo seus mais estigmas. (KEHL, 1923: 251).

---

<sup>17</sup> Livro publicado pela Editora Monteiro Lobato & Co. São Paulo, 1923.

Observamos com isso que Kehl já fazia referência aos processos que vinham acontecendo na “União Americana” sobre a necessidade de exames pré-nupciais aos casais, mas o que cabe destacar aqui com mais ênfase é a maneira com que Lobato recria na sua distopia do anos 2228, os “Conselhos de Revisão” que existiam na “União Americana” em “Gabinetes Eugenometricos”, onde eram feitos os exames de “sanidade” para que os novos casais adquirissem o direito a ter filhos. Como esse livro - *A Cura da Fealdade* - foi publicado pela editora de Lobato, acreditamos que, a partir das leituras que ele fez da obra como editor e publicista, o escritor literarizou a proposta eugênica de Kehl e de outros eugenistas brasileiros e norte-americanos a ponto de citar o livro de Lobato como uma importante peça de difusão das ideias que ambos partilhavam. Ayrton, personagem do romance de Lobato, ao travar contato com essas ideias fica revoltado a ponto de chamar de “Burrada!” esses procedimentos não serem adotados no Brasil e arremata:

Mas parece incrível, miss Jane, exclamei com horror, que tenha hoje o direito de ser pai quem quer! Morféticos há ali na roça que botam no mundo, anualmente, pequeninos lázaros. E ninguém vê, ninguém diz nada, todas acham que está tudo direito...

Eu sentia-me a ferver, com ímpetos de pular para a rua e berrar para todos os ventos:

Burrada! (LOBATO, 1926: 213).

Esse “futuro”, proposto por Lobato, faz várias críticas abertas ao momento presente em que o autor se encontrava, uma característica bastante peculiar dos escritores do período que viam seus escritos como forma de propor soluções aos “problemas” que assolavam o país. Kehl também era um desses “reformadores” do Brasil e via na educação e na eugenia a solução para os problemas nacionais. Como médico e farmacêutico, acreditava que os remédios para um país mais civilizado - branco - viria a partir de vários processos de eugeniização combinados. Ele aponta para essa estratégia no seu artigo que foi publicado em 1921, na *Revista Brazil-Medico*, e no ano posterior no livro publicado em 1922 - *Melhoremos e Prolonguemos a Vida*:

Nessas condições não se compreende que todos os individuos tenham a absoluta liberdade de procriar, de pejar o mundo de “maus animais”. É preciso, realmente, estabelecer condições que regulam a “prière mutuelle”, a faculdade procriadora, e não deixá-la ao arbítrio de inconscientes e ignorantes (KEHL, 1921: 155; KEHL, 1922: 120).

Observamos que Renato Kehl e Monteiro Lobato tinham como estratégia não apenas científica, mas também política, combinar modalidades e práticas de eugenia, o que não significa um desconhecimento das teorias originais ou uma interpretação errônea, ou ainda uma característica de uma “eugenia latina” (STEPAN, 1991 [2005]), mas uma característica

da obra de ambos repleta de ambiguidades e complexidades. O já citado trabalho do médico baiano e contemporâneo de Kehl, Clodoaldo de Magalhães Avelino, ajuda a desmontar a ideia de uma eugenia mais “suave” no Brasil ou que tivemos uma eugenia mais ligada ao sanitarismo e higienismo na região como uma característica típica de países latinos. Essa afirmação aponta para uma interpretação generalizante e eurocêntrica por parte da autora (MUÑOZ, 2015: 26), e, além disso, para uma explicação geneticista, como apontou (SANTOS, 2008: 16). A fim de contribuir para esse debate, acreditamos que essas afirmações vêm sustentando um mito de uma eugenia mais humanizada e mais leve no Brasil, ligadas ao sanitarismo entre os anos de 1918 e 1927, e que vem sendo repetida exaustivamente pelos pesquisadores, mascarando as propostas de eugenia negativa.

Por fim, analisamos no *Choque* que a mesma estratégia argumentativa utilizada por Kehl em seu programa foi utilizada por Lobato em seu romance.

O americano chegou muito cedo a conclusão de que os males do mundo vinham dos três pesos mortos que sobrecarregam a sociedade: o vadio, o doente e o mendicante. Em vez de combater esses pesos mortos por meio do castigo, do remédio e da esmola, como ainda se faz hoje, inventou solução muito mais inteligente: suprimi-los. A eugenia deu cabo do primeiro, a higiene do segundo e a eficiência geral do último.<sup>18</sup>

Nesta citação, podemos observar como os “pesos mortos” eram drasticamente eliminados, suprimidos nessa sociedade utópica proposta, não apenas por mera imaginação de Lobato, mas por elementos da sua realidade social e, especificamente, pelos escritos Kehl. A eugenia resolveria, segundo esses intelectuais, a situação do vadio, da higiene, portanto, cuidaria do doente, e da eficiência geral do mendicante. Conforme entendemos, Lobato articula modalidades eugênicas<sup>19</sup> para a solução dos “pesos mortos”, estratégia adotada da mesma forma por Renato Kehl.

Nesse sentido, observamos que uma obra literária, ao ser usada como fonte histórica, abre frestas que são fundamentais para completar um quadro amplo e complexo do movimento eugenista. A fonte literária deve ser analisada não como verdade ou fato histórico, mas como um vestígio de dado momento histórico da sociedade e, a partir disso, podemos captar preconceitos, formas de pensar, medos, anseios, e expectativas do autor que é agente social e histórico de determinado período e, por isso, não pode ser desvinculado do seu lugar de produção intelectual (GONÇALVES, 2015). Isso não significa, porém, que esses sujeitos históricos não são responsáveis pelas suas escolhas e pelos preconceitos que suas obras

<sup>18</sup> LOBATO, M. O choque das raças. Jornal A Manhã: Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1926, ano, II, n.215, p.5.

<sup>19</sup> São elas: Eugenia Positiva, Eugenia Preventiva e Eugenia Negativa.

carregam, muito pelo contrário, afirma ainda mais que fizeram escolhas baseadas em um repertório intelectual disponível, mas que não era de maneira nenhuma o único.



## **CAPÍTULO 2 - EUGENIA NEGATIVA EM RENATO KEHL E EUGENIA RACIAL EM MONTEIRO LOBATO**

Apontamos no último capítulo que tanto Kehl como Lobato tinham uma visão ampla de eugenia e que ambos defendiam o projeto de regeneração nacional. Vale lembrar que o país recém havia saído do regime escravocrata devido à abolição da escravatura e proclamado da república. Esse período histórico especificamente é o momento em que se estava pensando e discutindo projetos que visavam colocar o Brasil nos trilhos do progresso.

O racismo nasce no Brasil associado à escravidão, mas é principalmente após a abolição que ele se estrutura como discurso, com base nas teses de inferioridade biológica dos negros, e se difunde no país como matriz para a interpretação do desenvolvimento nacional. As teorias racistas, então largamente difundidas na sociedade brasileira, e o projeto de branqueamento vigoraram até os anos 30 do século XX, quando foram substituídos pela chamada ideologia da democracia racial. (JACCOUD, 2008, p. 45).

No contexto brasileiro, os mecanismos de diferenciação e exclusão foram inicialmente baseados na ciência da época. As ideias eugênicas estavam relacionadas a um projeto modernizador, à formação do Brasil como nação e ao desejo de construção de uma sociedade melhorada, civilizada, próspera - branca - aos moldes europeus. Cientistas adeptos da eugenia chegaram a fazer previsões segundo as quais a partir da miscigenação o elemento negro desapareceria do país em um prazo de cem anos.

Esse projeto nacional se deu no contexto turbulento da Primeira República, quando a principal missão dos intelectuais nacionalistas da época era fazer do Brasil um país civilizado. Na esteira dessas reflexões, o lugar de pessoas negras era a subalternidade ou o desaparecimento. O estabelecimento da República no Brasil não conseguiu promover ações de inclusão e reparação à população negra. Ao contrário, as ideias de inferioridade racial foram “reafirmadas no ambiente intelectual, político e jurídico” (JACCOUD, 2008, p. 48). Essa igualdade meramente jurídica não acabou com a desigualdade social e racial que perdurou ao longo do século XX, de forma estrutural, mas foi responsável por criar um mito nacional que apresenta a sociedade brasileira como não racista e como um lugar onde não existem exclusões e diferenciações raciais.

*O Choque* foi citado por Kehl como uma ferramenta de divulgação das ideias eugenistas que tinham como modelo a União Americana. Neste capítulo, adentramos nas

propostas de eugenia negativa de Kehl e na proposta de Lobato de extermínio de pessoas negras proposto em seu romance, que será denominado eugenia racial<sup>20</sup>.

Conforme já explicitado, Kehl não fazia uma distinção rígida entre as modalidades de eugenia, mas acreditava que eram medidas complementares para com isso alcançar a regeneração racial do povo brasileiro.

O programa traçado pela Eugenia negativa é vasto e tem íntimos pontos de contato com as outras duas divisões da Eugenia.

Ela visa a restrição do nascimento de indivíduos anormais, doentes, degenerados, tarados. Propõe para esse fim estatuir o exame pré-nupcial dos nubentes, proibindo o casamento entre indivíduos inaptos para a boa criação. Só com esta prática preserva-se-ia o mundo de tão grande número de incapazes, que inferiorizam, que degradam a espécie humana; que enchem asilos, prisões, constituindo essa grande massa de inúteis que sobrecarregam os encargos do Estado e da parte sã trabalhadora da Sociedade.

A Eugenia negativa é favorável à esterilização dos indivíduos perigosos à espécie. Para evitar a geração de anormais, a interdição do casamento é “um meio atenuado”, enquanto a esterilização é um “meio radical”. (KEHL, 1922 [1923]: 32).

Ricardo Augusto dos Santos (2008:202) faz uma observação acerca da “reciclagem” dos textos de Kehl que acreditamos serem bastante relevantes para o debate. Durante nossa pesquisa, identificamos também essa repetição constante e reutilização de partes ou de escritos em sua integralidade. Um exemplo é o livro - *Melhoremos e Prolonguemos a Vida* - publicado em 1922, em um artigo denominado - *A Esterilização sob o ponto de vista eugênico* - que é exatamente igual ao artigo publicado em 1921 na Revista Brazil Médico, com o mesmo título.

Identificamos ainda outra repetição, em 1929, no livro - *Lições de Eugenia* - o artigo - *A Esterilização dos Grandes Degenerados e Criminosos* - que foi publicado em 1925 nos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental. Renato Kehl atualiza o número de esterilizações que estavam acontecendo nos Estados Unidos, no livro publicado em 1929. No artigo de 1925 consta que até o ano de 1918 foram feitas 1422 esterilizações em 12 Estados, que tinham leis de autorização dessa prevenção contra os degenerados, já no texto de 1929 o número aumenta para 8000 esterilizações.

Nos Estados Unidos, segundo estatísticas que tenho em mão, e que vão até 1918, foram praticadas 1422 esterilizações e 12 eram os Estados que possuíam leis autorizando esse processo de profilaxia contra a degeneração (KEHL, 1925:73).

Nos Estados Unidos, segundo estatísticas que tenho em mão, e que vão até 1928, foram praticadas 8.000 esterilizações e 12 eram os Estados que

---

<sup>20</sup> O termo eugenia racial mas, para as diversas maneiras que o racismo opera contra pessoas negras seja desumanizando, segregando e criando hierarquias raciais na obra de Lobato seja ela adulta ou infantil.

possuíam leis autorizando esse processo de profilaxia contra a degeneração (KEHL, 1929:175).

Os textos são idênticos, mas o número de esterilizações é atualizado. Outra constatação muito relevante para derrubar a suposta radicalização de Renato Kehl após sua viagem para a Europa são os textos publicados especificamente em 1921<sup>21</sup>, 1922<sup>22</sup>, 1923<sup>23</sup>, 1925<sup>24</sup>, cujas mesmas propostas radicais são apresentadas tendo como referência os Estados Unidos, e não a Alemanha, como constatou (SOUZA, 2006 [2019]), principal defensor dessa tese. Outra constatação relevante para o nosso argumento é que Renato Kehl via nas leis estaduais de esterilização norte-americanas a possibilidade de aplicabilidade das mesmas no Brasil: “estou certo<sup>25</sup> de que será um dia adotada a esterilização como já foi em certos Estados da União Americana” (KEHL, 1925:70; KEHL, 1929:171).

No livro - A Cura da Fealdade - de 1923, as conclusões apresentadas por Kehl são exatamente iguais ao texto de 1929 - Lições de Eugenia:

A esterilização deve ser indicada nos casos de cegueira e surdo-mudez congênita ou hereditária, na epilepsia, idiotismo ou quando o casal já tenha tido um filho com desordem psíquica ou somática.

Winter prescreve a esterilização nos casos que repousam sobre as seguintes suposições:

- A) Quando se verificou a hereditariedade de defeito ou doença de um filho.
- B) Quando se comprovou a existência de defeito hereditário no gérmen-plasma materno.
- C) Quando se evidenciou o aparecimento de defeitos hereditários em toda a geração dos pais ou pelo menos na maior parte dos mesmos.

Para terminar, repito, a esterilização não traz modificação alguma nas funções genésicas: os indivíduos esterilizados, homens e mulheres, continuam absolutamente íntegros, sob o ponto de vista da potência e da sensibilidade para a realização e satisfação dos prazeres sexuais. (KEHL, 1923:264; KEHL: 1929:176).

No entanto, no livro - A Cura da Fealdade - foi encontrado o seguinte adendo:

Recomendo aos leitores que se interessarem por este assunto a leitura do “History of Sterilization Legislation in the United States” publicada no “Problems in Eugenics-First International Eugenics Congress held at The University of London - 1912” e Die Indikationen zur Kunstlichen Sterilisierung der Frau von Prof. Dr. G. Winter. (KEHL, 1923:264).

<sup>21</sup> KEHL, Renato. A Esterilização sob o ponto de vista eugênico. In: Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia. Rio de Janeiro: Policlínica Geral do Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1921.

<sup>22</sup> KEHL, Renato. Melhoremos e prolonguemos a vida. São Paulo: Francisco Alves, 1922 [1923].

<sup>23</sup> KEHL, Renato. A Cura da Fealdade: eugenia e medicina social. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & Co-Editores, 1923.

<sup>24</sup> KEHL, Renato. A Esterilização dos Grandes Degenerados e Criminosos. Archivos Brasileiros de Higiene Mental. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 69-74, 1925.

<sup>25</sup> No texto de 1929 consta a seguinte modificação: “estamos certos” (KEHL, 1929:171). O texto de 1929 é uma cópia do texto de 1925 com algumas modificações que já foram apontadas.

Renato Kehl, como principal divulgador da eugenia no Brasil, tinha uma estratégia inteligente de republicar textos já publicados com algumas pequenas modificações em revistas, jornais e nos seus livros para que médicos e autoridades públicas pudessem ter conhecimento da sua proposta de regeneração da população brasileira. Vejamos mais um exemplo:

Sou da opinião<sup>26</sup> que a esterilização é indicada e valiosa em casos especiais de doença e miséria; que ela deve ser aplicada compulsoriamente, a certos criminosos e em certos casos de degeneração somato-psíquica: que ela poderia, uma vez largamente aplicada, eliminar caracteres blastophtóricos ou, pelo menos, reduzi los, consideravelmente; isoladamente, porém, não levantaria o grau de perfeição humana.

A esterilização deve, pois, ser considerada como um processo de valor eugênico, mas não um recurso capaz de, por si só, resolver o problema de constituição da elite eugênica. (KEHL, 1925: 73-74; KEHL, 1929: 175).

Mas Kehl não estava sozinho em suas ideias. A título de exemplo de como essas propostas circulavam no meio médico e tinham aceitação, o médico da Sociedade de Medicina de Porto Alegre, Gonçalves Vianna, citou uma passagem do texto de Renato Kehl - *A Esterilização dos Grandes Degenerados e Criminosos* - em 1926<sup>27</sup>. Em sua conferência denominada - *A missão social do médico - Em torno do exame pré-nupcial*<sup>28</sup> que consta nos *Archivos Rio Grandenses de Medicina* o delegado da Liga Brasileira de Higiene Mental da seção do Rio Grande Sul faz uma citação extensa do texto de Kehl.

A eugenia, ciência da boa geração, para a consecução de seus designios selecionistas estabelece a seleção dos genitores, a proteção do fruto em in utero, prescrevendo ainda a sua defesa post-concepcional, no decurso dos primeiros anos da vida, o que compete à puericultura.

A eugenia incumbe, pois, a puericultura anticoncepcional e intra-uterina, como a agricultura se impõe, das sementes, como às zootecnia se impõe, inicialmente, a escolha dos reprodutores e a segregação dos que não convêm.

Não se compreende que um horticultor se despreocupe das sementes de que se vai utilizar, como do terreno em que vai lançar. Ele escolhe as melhores, seleciona, não as atirando a esmo, sem primeiro preparar o terreno, nivelando-o, arando-o, adubando-o.

Admite-se, porém, que a semente humana seja lançada ao acaso, julgando-se imoral selecioná-la e protegê-la, como se faz às plantas e animais. (VIANNA, 1926: 14). (KEHL: 1925: 70).

Essas medidas de eugenia mais radicais foram bem recepcionadas no meio médico, como demonstrado em duas regiões do Brasil, na Bahia, com o médico Clodoaldo de

<sup>26</sup> No texto de 1929 consta a seguinte modificação no início do parágrafo: “Em resumo: somos de opinião”.

<sup>27</sup> MUNARETO, Geandra Denardi. "O homem, em toda parte é a riqueza da nação": o discurso eugênico na Sociedade de Medicina de Porto Alegre nas décadas de 1920 e 1930. **Revista de História**, n. 180, p. 1-31, 2021.

Magalhães Avelino (ver. Capítulo 1) e Gonçalves Vianna em Porto Alegre<sup>29</sup>. O que aponta que Renato Kehl não era uma figura tão solitária quando o assunto era medidas eugênicas mais agressivas para a formação de uma elite eugênica.

Retomemos a proposta lobatiana de esterilização para a eliminação da população negra, a partir do que denominamos eugenia racial:

É um velho vício, achar que pessoas consagradas na história nacional, estão isentas de críticas por suas posições anti negras. Monteiro Lobato, o escritor do sítio racista, é uma figura, sem dúvida importante na cultura nacional, mas isso não quer dizer que nos tenha olhado com olhos humanos. (JORNEGRO, 1979: 15).

Essa reportagem do *Jornegro* do ano de 1979 questiona a “proteção” que Monteiro Lobato é alvo há muitos anos por parte da crítica literária e das ciências sociais, em que ele é visto, muitas vezes, como homem do seu tempo, mas quem afinal não o seria? Ter uma literatura que desumaniza totalmente pessoas negras e ser um adepto da eugenia parece não ser algo importante para tais pesquisadores. Abordaremos a proposta de esterilização e consequentemente extinção de pessoas negras no seu romance racista eugenista:

*“A convenção da raça branca decide alterar a Lei Owen no sentido de incluir entre as taras que implicam a esterilização o pigmento negro camuflado. A raça branca autoriza o governo americano a lançar mãos dos recursos que julgar convenientes para a execução desta sentença suprema e inapelável.”* (LOBATO, 1926: 264, itálico e aspas do autor).

No *Choque das Raças*, a chamada “Lei Owen” foi a responsável por remodelar a raça branca na América utópica de Lobato. Segundo o autor, é a partir dela que a esterilização “dos tarados, dos mal formados mentais, de todos os indivíduos, em suma, capazes de prejudicar com a má progênie o futuro da espécie” (LOBATO, 1926: 122). Ao colocar a população negra na mesma categoria dos prejudiciais ao futuro da nação, Lobato demonstra que a sua proposta eugênica é direcionada a uma ampla parcela da sociedade e especificamente a pessoas negras. Constituindo-se em um projeto excludente anti humano e altamente racializado.

A convenção branca age secretamente para impedir a posse do primeiro presidente negro no século XXIII, o que nos faz refletir sobre a impossibilidade vista por Lobato de um país ser governado, mesmo que em um futuro distante, por um líder que não seja da cor de branca. Vale destacar que as propostas de branqueamento defendidas na época de Lobato são por ele reinterpretadas. Ao contrário de casamentos inter raciais para a depuração do

---

<sup>29</sup> Fazer o mapeamento dessas ideias mais radicais entre os médicos de várias regiões do Brasil entre 1918 e 1927 seria instigante para saber o alcance dessas medidas a nível nacional.

pigmento, em um período de cem anos, como propostos por João Batista de Lacerda (SCHWARCZ, 2011), a branquura seria alcançada através de processos tecnológicos de despigmentação da tez de pessoas negras. “Havia a ciência resolvido o caso da cor pela destruição do pigmento” (LOBATO, 1926: 129). Mesmo sendo branqueados pela tecnologia, Lobato faz duras críticas à aparência da população negra, o que é chamada por ele de cor de “barata descascada”<sup>30</sup> (LOBATO, 1926: 130).

Para impedir a posse de James Roy Wilde, vulgarmente chamado Jim Roy, a convenção branca não mede esforços para barrar este acontecimento e lança um produto de alisamento de cabelos que secretamente esteriliza. A frieza com que isso é colocado no texto é cruel:

Adotando esse maravilhoso processo, operou-se a esterilização dos homens pigmentados pelo único meio, talvez, em condições de não acarretar para o país um desastre. O problema negro da America está, pois, resolvido da melhor forma para a raça superior, detentora do centro supremo da realeza humana (LOBATO, 1926: 265).

O peso dessas afirmações desumanizadoras de corpos de pessoas negras beira o absurdo. A suposta superioridade racial do branco, colocada por Lobato, é repugnante. Em uma sociedade como a brasileira, que tem como ícone da literatura infantil um escritor que defendia abertamente teses de superioridade racial e a total destruição da existência da vida de pessoas negras, é inaceitável que tal escritor ainda tenha defensores que neguem o seu racismo e o coloquem como um escritor anti racista<sup>31</sup>.

Não conseguimos, nesta pesquisa, identificar por parte de Monteiro Lobato ou de Renato Kehl o livro o *Choque das Raças* uma denúncia ao racismo no Brasil ou nos Estados Unidos. Bem pelo contrário, o livro foi usado por Lobato e Kehl como uma peça fundamental de publicidade das teorias de eugenia no Brasil, o que ficou evidente na carta que Lobato destina a Renato Kehl e na menção que este faz do Choque, em uma reportagem no ano de 1927.

---

<sup>30</sup> No conto Negrinha escrito em 1920 a personagem é chamada de “barata descascada” da mesma maneira que Jim Roy o é seis anos depois.

<sup>31</sup> Tese defendida por pesquisadores da Universidade de São Paulo - USP nas jornadas Monteiro Lobato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa monografia buscou demonstrar que as propostas eugênicas do farmacêutico e médico Renato Kehl e do escritor e editor Monteiro Lobato são bastante radicais e que elas se davam em meios de divulgação diferentes. Enquanto Renato Kehl divulgava as suas teses eugenistas através de artigos, livros e na imprensa da época, Lobato estrategicamente usa a sua obra literária para divulgar a causa eugênica e, ao mesmo tempo, desumanizar os corpos que, ao seu ver, não poderiam fazer parte do projeto de nação que ele vislumbrava para o futuro, o que denominamos eugenia racial.

Não é a primeira vez que a obra de Monteiro Lobato é alvo de críticas devido a sua postura altamente racista, mas acreditamos que o conceito eugenia racial, elaborado por essa pesquisa, pode nos dar chaves importantes para além do *Choque das Raças* e ser explorado por futuros pesquisadores que vão se debruçar sobre a sua obra adulta e infantil, utilizando essa categoria analítica. Lobato esteve altamente envolvido com o movimento eugênico e foi amigo por muitos anos de Renato Kehl, com o qual trocou correspondências. Inclusive, no ano de 1938, prefaciou o livro de Kehl e relatou algo bastante importante e que acreditamos influenciou de alguma forma a sua produção literária.

Vim a conhecer Renato Kehl no início da minha vida literária, certo ano em que, numa série de artigos de jornal, me pus a entender de saneamento. Fânático que já era ele da Eugenia - ou da aplicação da ciência para melhorar o mau animal humano - procurou-me com proposta para editar em volume tais artigos e prefaciá-los. Surgiu assim o “Problema Vital”, a primeira coisa, creio, que de mim saiu sob forma de livro - e com prefácio de Renato Kehl. (KEHL, 1938).

Embora existam pesquisas sobre racismo na obra de Monteiro Lobato, faz-se urgente aproximar também o escritor e editor do movimento eugenista que este foi adepto durante muitos anos, e como ficou demonstrado nesta pesquisa, tinha contatos com o sanitarismo, educação e até medidas de esterilização eugênica. Aproximar as trajetórias de Renato Kehl e Monteiro Lobato foi de fundamental importância para observar como as propostas eugênicas de ambos dialogam cada um à sua moda.

Além de demonstrar que a eugenia desenvolvida por Renato Kehl tem propostas radicais nos seus escritos desde 1918, o que de certa maneira desmonta a ideia de que a eugenia, por estar ligada ao movimento sanitarista, não poderia ter propostas de esterilização eugênica e ideias radicais. Vimos como Kehl foi interlocutor de outros dois médicos: um na Bahia, Clodoaldo de Magalhães Avelino, que em 1924 já defendia propostas de eugenia

negativa, e outro na cidade de Porto Alegre Gonçalves Vianna, na sua palestra - *A missão social do médico - Em torno do exame pré-nupcial*, fazendo uma defesa enfática de propostas bastante agressivas.

No Brasil, nos fizeram acreditar durante muitos anos que a invasão europeia não foi violenta e chamaram esse momento de “descobrimento”. O longo período de escravização de africanos, que foram sequestrados dos seus países de origem, transportados em péssimas condições em navios chamados tumbeiros não foi visto como algo que ocasionou em vários problemas sociais, políticos e históricos para essa população. Algo semelhante também acontece com os estudos sobre eugenia no Brasil, que há anos vem repetindo que tivemos aqui uma eugenia mais “suave”, mais “leve”, típica de países latinos. Acreditamos que se trata de outro mito que precisa urgentemente ser desmontado, como já foi o da democracia racial no Brasil. Essa agenda de pesquisa se faz urgente e necessária para o desvelamento do que foi o projeto eugênico.

Lutar contra o racismo estrutural é fundamental se quisermos construir uma democracia livre de preconceitos com as minorias e onde todos possam conviver sem distinção de origem, cor, gênero. Faz parte das demandas das sociedades democráticas e livres aperfeiçoar os mecanismos institucionais que, durante tantos anos, foram usados para excluir e que agora podem ser usados para incluir e reparar os danos historicamente feitos à população negra.



## FONTES DOCUMENTAIS

AVELINO, Clodoaldo de Magalhães. “Eugenia e Casamento”. Imprensa Oficial Salvador, 1924.

Jornal - A Manhã. Rio de Janeiro, 1926.

Jornegro - Ano II, nº6, 1979.

KEHL, Renato. A Esterilização sob o ponto de vista eugênico. In: Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia. Rio de Janeiro: Policlínica Geral do Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1921.

KEHL, Renato. Melhoremos e prolonguemos a vida. São Paulo: Francisco Alves, 1922 [1923].

KEHL, Renato. A Cura da Fealdade: eugenia e medicina social. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & Co-Editores, 1923.

KEHL, Renato. O homem puro-sangue. A possibilidade da sua criação. Jornal Gazeta de Notícias. Anno XLVIII. 1923B.

KEHL, Renato. O problema do casamento. Jornal Gazeta de Notícias. 1923C.

KEHL, Renato. Da eugenia e o futuro do Brasil - Jornal “O norte de Taubaté” 11 de abril de 1924.

KEHL, Renato. A Esterilização dos Grandes Degenerados e Criminosos. Archivos Brasileiros de Hygiene Mental. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 69-74, 1925.

KEHL, Renato. Lições de Eugenia. 1ª Edição. Livraria Francisco Alves. 1929

KEHL, Renato. Sexo e civilização - Aparas eugenicas. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves. 1933.

KEHL, Renato. Bio-Perspectivas. Dicionário Filosófico. Livraria Francisco Alves. 1938

LOBATO, Monteiro. **O choque das raças: ou, O presidente negro; romance americano do ano de 2228**. Companhia Editora Nacional, 1926.

LOBATO, Monteiro. Prefácio. Renato Kehl. Bio-perspectivas - Dicionário Filosófico. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1938

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASHFORD, A.; LEVINE, P. Oxford Handbook of the History of Eugenics. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BONFIM, Paulo Ricardo. Educar, Higienizar e Regenerar. Paco Editorial, 2017.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil, 1917-1945**. Unesp, 2006.

DE CARVALHO, Leonardo Dallacqua. A esterilização na perspectiva eugênica de Renato Kehl na década de 1920. *Sæculum – Revista de História*, v. 38, n. 38, p. 229-242, 30 jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/36273>>.

DE CARVALHO, Leonardo Dallacqua; PIETTA, Gerson. Questões e perspectivas em torno da história da eugenia: o que mais a historiografia tem a dizer sobre o tema?. **Revista Maracanan**, n. 13, p. 111-126, 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/20126>>.

DE LUCA, Tânia Regina. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação**. Unesp, 1998.

DIAS, Maicon Alves. A representação da realidade em O presidente negro, de Monteiro Lobato. **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**, v. 6, p. 75-85, 2009. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/756>>.

\_\_\_\_\_. Das utopias e distopias: uma leitura de O presidente negro de Monteiro Lobato. 2010. 86 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/94047>>.

DIWAN, Pietra Stefania. O espetáculo do feio. Práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl. 1917- 1937. Mestrado em história. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2003.

\_\_\_\_\_. Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. Editora Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. **Entre Dédalo e Ícaro: cosmismo, eugenia e genética na invenção do transhumanismo norte-americano (1939-2009)**. Tese (Doutorado em História Social).

ENGEL, Magali. Os intelectuais e a Liga de Defesa Nacional: entre a eugenia e o sanitarismo? (Rio de Janeiro, 1916 a 1933). *Intellèctus*, v. 11, pp. 1-30, 2012.

\_\_\_\_\_. Educação, sanitarismo e eugenia: o negro e a construção da identidade nacional nos debates científicos da Primeira República (1889-1930). In: Martha Abreu; Hebe Mattos; Karl Monsma; Carolina Vianna; Beatriz Ioner. (Org.). *História do pós-abolição no mundo Atlântico: identidades e projetos políticos*. 1ª ed. Niterói: EDUFF, 2013, v. 1, p. 47-61.

\_\_\_\_\_. Educação, sanitarismo e eugenia: divergências e controvérsias no campo intelectual brasileiro.

FERREIRA, Bruna Santana de Sá. O choque das raças: eugenia, literatura e imprensa em Monteiro Lobato. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/22457>>.

FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo. Monteiro Lobato no Porviroscópio. *INTERSEMIOSE Revista Digital*. Ano III, V. 06 Jul/Dez. 2014. p. 40-53. Disponível em: <<https://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2015/10/04.pdf>>.

GIOPPO, Christiane. Eugenia: a higiene como estratégia de segregação. **Educar em Revista**, n. 12, p. 167-180, 1996. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36032>>

GÓES, Weber Lopes. Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl. 2015. 276 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124368>>.

GONÇALVES, Mariana Couto. O diálogo entre Clio e Calíope: os enlaces entre dois gêneros distintos. **Revista Latino-Americana de História-UNISINOS**, v. 3, n. 12, p. 190-204, 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/507>>

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação. 2003. 175 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281539>>.

\_\_\_\_\_. Saneamento, eugenia e literatura: os caminhos cruzados de Renato Kehl e Monteiro Lobato. (1914-1926). ANPUH– XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- 2007. v. 24 São Leopoldo, RS. Disponível em: <[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210412\\_156d47b6171e9a5e966d70ae2f48227b.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210412_156d47b6171e9a5e966d70ae2f48227b.pdf)>

JABLONKA, Ivan. O terceiro continente Tradução. **Artcultura**, v. 19, n. 35, 2017.

JACCOUD, Luciana. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil, v. 120, p. 45-64, 2008. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5605](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5605)>

LAJOLO, Marisa. A figura do negro em Monteiro Lobato. **Presença pedagógica**, v. 4, n. 23, p. 23-31, 1998.

\_\_\_\_\_. **Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta**. Editora UNESP, 2014.

LEAL, Rhaiane das Graças Mendonça. Nacionalismo Militante: uma análise da correspondência de Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918- 1942). Rio de Janeiro. 2020. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2020. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44086>>.

LUPPI, Sheila Cristina Alves de Lima. Condenados pela civilização: a eugenia e o projeto de aperfeiçoamento físico e moral da população brasileira nas três primeiras décadas do século XX. 2011. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/33901>>.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Uma estranha noção de ciência: repercussões do pensamento eugênico no Brasil. **Clio**, p. 279-330, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24165>>.

MOREIRA, F. M. O cânone literário brasileiro: Preconceito e eugenia em “O presidente negro”, de Monteiro Lobato. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/26.pdf>>.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. Editora Perspectiva SA, 2020.

MUNARETO, Geandra Denardi. "A ciência como regeneradora da nação: eugenia e autoritarismo no pensamento de Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Renato Kehl e Belisário Penna." (2017). 286 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7843>>.

\_\_\_\_\_. "O homem, em toda parte é a riqueza da nação": o discurso eugênico na Sociedade de Medicina de Porto Alegre nas décadas de 1920 e 1930. **Revista de História**, n. 180, p. 1-31, 2021.

MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942). Tese (Doutorado em Histórias das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2015.

PESAVENTO, Jatahy Sandra. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nouveaux mondes mondes nouveaux-Novo Mundo Mundos Novos-New world New worlds**, 2006.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. Pela desmonumentalização do racismo em escala global. Conversas de historiadoras. 2020. Disponível em: <<https://conversadehistoriadoras.com/2020/06/21/pela-desmonumentalizacao-do-racismo-em-escala-global/>>.

PORCIÚNCULA, Rafael Fúculo. As ideias raciais na obra de Monteiro Lobato: ficção e não ficção. 2014. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/ri/2668#:~:text=Atrav%C3%A9s%20de%20suas%20decl>>

[ara%C3%A7%C3%B5es%2C%20observou,arqu%C3%A9tipo%20intelectual%2C%20cultural%20e%20fision%C3%B4mico.>.](#)

QUAGLINO, Maria Ana. Noções de Raça e Eugenia em Monteiro Lobato: vida e obra. XI Encontro Regional de História ANPUH-RJ - Democracia e Conflito. 2004.

REIS, José Roberto Franco. **Higiene Mental e eugenia: o projeto de ‘regeneração nacional’ da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1930)**. 1994. 353 f. 1995. Dissertação de mestrado - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, São Paulo.

RIBEIRO, Francisco Carlos. “O presidente negro”: uma distopia de Monteiro Lobato. **CADUS-Revista de Estudos de Política, História e Cultura**. ISSN 2446-9076, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/polithicult/article/view/23770>>.

SANTOS, Elisângela da Silva. Monteiro Lobato e suas seis personagens em busca da nação. 2008. 144 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/96147>>.

SANTOS, Ricardo. “Lobato, Os Jecas e a Questão Racial no Pensamento Social Brasileiro”. In Achegas.net, n. 7, 2003.

\_\_\_\_\_. Pau que nasce torto, nunca se endireita! E quem é bom, já nasce feito? Esterilização, saneamento e educação: uma leitura do eugenismo em Renato Kehl (1917- 1937). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

\_\_\_\_\_. La eugenesia y el nuevo paraiso. In: Vallejo, Gustavo; Miranda, Marisa. Derivas de Darwin: cultura y política en clave biológica. Buenos Aires, Siglo XXI Editora Iberoamericana, 2010. p.49-69.

SCLIAR, Moacyr. Saturno Nos Trópicos - A Melancolia Européia Chega Ao Brasil, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. Eugenia e literatura no Brasil: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica (1922 a 1949). 2012. 131 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/100996>>.

SOUZA, Vanderlei Sebastião. A “Eugenia Negativa” nos Trópicos: A Política Biológica e a Construção da Nacionalidade na Trajetória de Renato Kehl (1928-1932). **XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA**, v. 7, 2006.

\_\_\_\_\_. A política Biológica como projeto: A “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932). Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. AS IDÉIAS EUGÊNICAS NO BRASIL: ciência, raça e projeto nacional no entre-guerras. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 6, n. 11, 2012. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/1877/1041>>

\_\_\_\_\_. Renato Kehl e a eugenia no Brasil. ciência, raça e nação no período entreguerras. Editora UNICENTRO, 2019.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de; CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. Os genes indesejados: os debates sobre a esterilização eugênica no Brasil (Artigo). In: Café História. Publicado em 8 mar de 2021. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/esterilizacao-eugenica-no-brasil/>>. ISSN: 2674-5917.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 567, p. 331-391, 2004. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/7bzx4/pdf/hochman-9788575413111-11.pdf>>.

\_\_\_\_\_. A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

TRAMONTINA, Leonardo Turazzi; MEGLHIORATTI, Fernanda Aparecida. Ciência, ideologia, literatura e eugenia: Aproximações entre as ideias biológicas de Renato Kehl e o discurso científico do livro “O presidente negro” de Monteiro Lobato. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 25, n. 1, p. 213-238, 2020. Disponível em: <<https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/1574>>.

WEGNER, Robert. Renato Kehl, a eugenia alemã e a doença de Nietzsche. **XXVI Simpósio Nacional de História-Anais Eletrônicos, São Paulo**, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300877663\\_ARQUIVO\\_RenatoKehl,a\\_eugeniaalemaeadoencadeNietzsche.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300877663_ARQUIVO_RenatoKehl,a_eugeniaalemaeadoencadeNietzsche.pdf)>.

#### **LINKS DA INTERNET:**

Link do canal de divulgação científica e história pública da professora doutora Pietra Diwan no Youtube: <<https://www.youtube.com/c/PietraDiwan>>. Acesso em: 15/10/2021.

Link da Rede de Pesquisa Histórica Eugenia & Sociedade (Cofundador) no Instagram: <[https://instagram.com/eugeniaesociedade?utm\\_medium=copy\\_link](https://instagram.com/eugeniaesociedade?utm_medium=copy_link)>. Acesso em: 15/10/2021.

Link do site do Grupo de Estudos e Pesquisas Higiene Mental e Eugenia - GEPHE: <<http://www.cch.uem.br/grupos-de-pesquisas/gephe>>. Acesso em: 15/10/2021.



## ANEXO

Renat.

Tu si o pai da Eugénia  
no Armit e a ti devia eu dedicar  
um Chope, grito de guerra pro-eugenio.  
Vejo que euvi na te pendo lá no  
frontispício, mas perderei a este es-  
trampado amip. Quando ponamos  
no Leito Ribeiro entre e popa  
e a caixa o exemplar que te  
destino. Precisam lanças, vulgarias  
esta ideia. A humanidade precisa de  
uma coisa só: póda. É' curo a  
vinda.

Abato